

Manuscritos notáveis

CHRISTOPHER
DE HAMEL

Tradução
PAULO GEIGER



COMPANHIA DAS LETRAS

Publicado originalmente em língua inglesa por Penguin Books Ltd, Londres
Copyright do texto © 2016 by Christopher de Hamel
O autor assegura seus direitos morais.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Meetings with Remarkable Manuscripts

Capa

Victor Burton

Imagem de capa

Los Angeles, J. Paul Getty Museum, ms Ludwig IX.18, fólio 3v

Imagem de quarta capa

Los Angeles, J. Paul Getty Museum, ms Ludwig IX.18, fólhos 165v–166r

Imagem de guarda

Albrecht Dürer, *Erasmus de Roterdã*, 1526. Xilogravura.

Projeto gráfico

Andrew Barker Information Design

Preparação

Cássia Land

Índices

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hamel, Christopher de, 1950-

Manuscritos notáveis / Christopher de Hamel ; tradução
Paulo Geiger. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: Meetings with Remarkable Manuscripts.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-359-2986-7

1. Bíblia — Manuscritos 2. Bíblia — Manuscritos, Latim
3. Manuscritos, Europeus 4. Manuscritos, Medieval 1. Título.

17-07365

CDD-220

Índice para catálogo sistemático:

1. Manuscritos 220

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Introdução 7

- 1 Os Evangelhos de Santo Agostinho 17
- 2 O Codex Amiatinus 65
- 3 O Livro de Kells 109
- 4 O *Aratea* de Leiden 157
- 5 O Beato de Morgan 207
- 6 Hugo Pictor 254
- 7 O Saltério de Copenhague 306
- 8 *Carmina Burana* 359
- 9 As Horas de Joana de Navarra 408
- 10 Chaucer de Hengwrt 461
- 11 O *Semideus* de Visconti 504
- 12 As Horas de Spinola 549

Epílogo 610

Referências bibliográficas e notas 617

Créditos das imagens 656

Índice de manuscritos 663

Índice onomástico 669

Introdução

Este livro é uma visita a importantes manuscritos medievais, ao que eles nos contam e à razão pela qual são importantes. Era para se chamar “Entrevistas com manuscritos”, conforme fora preconcebido de início, e, de fato, os capítulos não diferem muito de uma série de entrevistas com celebridades. Entrevistas reais — as tradicionais, com pessoas famosas — comumente introduzem o cenário e descrevem as circunstâncias dos encontros. Tentam sempre evocar algo da experiência do encontro com os entrevistados e da interação com eles. Algumas informações já foram antecipadas a você, é claro, mas quem são realmente essas pessoas quando enfim vêm até a porta, apertam sua mão e o convidam a entrar e sentar? Os relatos podem deixar entrever algo de sua presença física, talvez de suas roupas, sua postura e seu estilo de conversar. Podemos todos fingir que uma pessoa muito conhecida não é, na realidade, diferente de qualquer ser humano, mas há uma inegável excitação ao efetivamente conhecer alguém de estatura mundial e falar com ele. Será que, de fato, ele ou ela tem um carisma impressionante, ou (como acontece às vezes) revela-se uma decepção? Talvez você queira descobrir como as pessoas ganham fama, e se sua reputação é merecida. Ouça-as e deixe que falem. Um bom entrevistador deve ser capaz de extrair segredos que eram totalmente desconhecidos e que a pessoa famosa tencionava manter bem ocultos. Existe, por parte do leitor, até mesmo certo voyeurismo quando bisbilhota essas confissões íntimas à medida que elas vêm à tona.

Os mais célebres manuscritos ornados com iluminuras são, na realidade, para a maioria de nós, tão inacessíveis quanto as personalidades muito famosas. Em geral, qualquer pessoa com uma boa dose de ener-

gia e dinheiro para viajar conseguirá ver muitos dos grandes quadros e monumentos arquitetônicos, e pode estar hoje diante da Grande Muralha da China ou do *Nascimento de Vênus*, de Botticelli. Mas tente — apenas tente — fazer com que retirem o Livro de Kells de seu estojo de vidro em Dublin para que você possa folheá-lo. Isso não vai acontecer. Atualmente, a maioria dos grandes manuscritos medievais quase nunca está em nenhum tipo de exibição pública, nem mesmo em vitrines protegidas da luz, e se estão, você verá uma única abertura de página dupla. São frágeis demais e preciosos demais. É mais fácil encontrar-se com o papa ou com o presidente dos Estados Unidos do que tocar no *Très Riches Heures*, do duque de Berry. A cada ano o acesso fica mais difícil. A ideia deste livro, então, é convidar o leitor a acompanhar o autor numa jornada particular para ver, manusear e entrevistar alguns dos mais belos manuscritos iluminados da Idade Média.

Paleógrafos — termo genérico para definir aqueles que estudam manuscritos antigos — acostumaram-se a trabalhar nas salas de leitura de bibliotecas de livros raros, mas estas são santuários inacessíveis ao público em geral, como seria para mim o túmulo do Profeta em Medina. Bibliotecas nacionais modernas estão entre os prédios mais caros jamais construídos, mas pouca gente entra neles fundo o bastante para chegar às mesas exclusivas separadas para a consulta dos livros mais valiosos de todos. Alguns cenários para o estudo de manuscritos são imponentes e intimidadores, e outros são carinhosamente informais. O acesso a eles é um segredo dos iniciados, e os formulários para admissão ao espaço e manuseio dos manuscritos variam muito de um repositório a outro. Este é um aspecto da história da erudição frequentemente negligenciado por completo. Os soberbos livros iluminados da Idade Média são pedras angulares de nossa cultura, mas é raro alguém se dar ao trabalho de documentar seu habitat.

Pode ser que alguns desses grandes manuscritos sejam conhecidos através de fac-símiles ou de imagens digitalizadas disponíveis on-line, tão acessíveis e tão familiares quanto biografias autorizadas de gente famosa, mas nenhuma cópia se iguala a um original. A experiência do encontro é totalmente diferente. Fac-símiles não têm raízes em — nem estão ligados a — lugar algum. Ninguém pode propriamente

conhecer um manuscrito ou escrever sobre ele sem tê-lo visto e segurado nas mãos. Nenhuma reprodução fotográfica já inventada tem o peso, a textura, a superfície irregular, as bordas denteadas, a espessura, o cheiro, a qualidade tátil e a pátina do tempo de um verdadeiro livro medieval; e nada pode se comparar ao frêmito de excitação quando enfim um manuscrito de inexcédível fama é colocado sobre a mesa a sua frente. Você não o está meramente vendo, como que atrás de um vidro, mas de fato pode tocá-lo e olhar entre suas frestas. Sempre haverá detalhes que ninguém terá visto antes. A cada vez você fará descobertas. Evidências ainda não notadas podem ser extraídas de marcas deixadas na fabricação, rasuras, arranhões, retoques, ressaltos, remendos, buracos de agulha, encadernações, nuances de cor e de textura, que nas reproduções são totalmente invisíveis. As perguntas a que os manuscritos podem responder quando confrontados cara a cara são às vezes inesperadas, tanto sobre eles mesmos como sobre a época em que foram produzidos. Há aqui, em cada capítulo, novas observações e hipóteses, e para obtê-las nada mais inteligente do que mergulhar nos originais. Olhe bem de perto. Se quiser, use uma lupa. Recoste-se: vire as páginas e ouça em silêncio o que os livros lhe dizem. Deixe que falem. Apenas fazer isso já é imensamente prazeroso e interessante. Manuscritos medievais têm biografias. Eles têm sobrevivido através de séculos, interagindo com sucessivos proprietários e eras, negligenciados ou admirados, até nossa época. Vamos destrinçar proveniências que eram totalmente desconhecidas. Às vezes essas histórias são muito dramáticas, quando livros assumem seu lugar nas questões da Europa em seu mais alto nível, desde as alcovas de santos e reis medievais aos lugares secretos de esconderijo na Alemanha nazista. *Habent sua fata libelli* [Os livros têm seu destino]. Alguns manuscritos mal saíram de suas prateleiras originais desde o dia em que foram completados; outros há que ziguezaguearam pelo mundo conhecido em baús de madeira ou alforjes que oscilavam no dorso dos cavalos, ou através do oceano em pequenos veleiros, ou como carga aérea, pois livros são muito portáteis. Muitos, em algum momento, passaram pelo comércio ou por salas de leilão, e os preços a eles atribuídos enquanto assim transitavam é parte de uma história mutante de gosto e de

moda. A vida de cada manuscrito, como a de cada pessoa, é diferente, e todos têm histórias a contar.

Uma dúzia de manuscritos foram selecionados para serem aqui entrevistados. Ninguém sabe com precisão quantos manuscritos medievais sobreviveram em todo o mundo — talvez 1 milhão, talvez mais —, e a escolha foi de fato muito abrangente. São todos potencialmente fascinantes, e mesmo o mais modesto e mal-ajambrado desses manuscritos proveria material suficiente para encher um capítulo deste livro, mas constituiria uma experiência menos glamorosa para o leitor. Vamos nos engajar em grandes companhias. Quando se está na sala de leitura de uma biblioteca virando as páginas de algum deslumbrante volume iluminado, pode-se perceber certo respeito por parte de seus colegas estudiosos que consultam livros ou arquivos mais modestos em mesas vizinhas, e espero compartilhar com o leitor o sabor dessa serena satisfação de se associar a manuscritos famosos, que por breves momentos vão se tornar nossos companheiros íntimos. Vamos iniciar, juntos, uma citação um tanto autoindulgente de nomes famosos. Entre esses colossos tentei escolher um conjunto que representasse diferentes tipos de livros medievais, não apenas Evangelhos e livros de horas, mas também textos de astronomia, comentários bíblicos, música, literatura e política renascentista. Poderíamos também ter optado por liturgia, medicina, direito, história, romance, heráldica, filosofia, viagens ou muitos outros assuntos amplamente contemplados em manuscritos da Idade Média. Separei volumes que me pareceram característicos de cada século, do VI ao XVI. Todos eles nos contam algo sobre sua época e as sociedades que os produziram.

Eu fui conferir cada um desses manuscritos com a finalidade de escrever este livro. Já tinha manuseado alguns deles antes disso, mas desta vez os procurei sem nenhuma expectativa particular quanto ao que desejava que nos contassem, e quaisquer novas revelações — e certamente há algumas — os manuscritos as ofereceram no decurso dos encontros aqui descritos. A narrativa vai mostrar isso acontecendo.

Os manuscritos não têm todos o mesmo tamanho. A natureza miniatral da arte da iluminura é parte do fascínio dos manuscritos medievais, mas alguns desses livros são enormes. Aqueles que estudam a

história da arte exclusivamente por meio de reproduções, sejam reduzidas ao tamanho de um livro de texto, sejam ampliadas em telas de conferências, perdem todo o senso de relação de escala entre um manuscrito e outro. Ao longo da Idade Média havia uma forte sensibilidade à hierarquia das coisas, tanto no mundo natural como no humano, que com frequência se expressava na proporção. O livro com as maiores dimensões aqui é o Codex Amiatinus, uma pandecta (assim era chamada) das Escrituras inteiras, escrita para exibição pública. O menor é o delicado Livro de Horas de Joana de Navarra, escrito para as mãos de uma rainha. Quando, numa biblioteca, um manuscrito é entregue em sua mesa, antes de abri-lo sempre ocorre a inesperada constatação de quão grande ou pequeno ele é. É como um truque de projeto gráfico, portanto, em que cada capítulo começa com a imagem do manuscrito em questão, quando fechado. A ilustração do Codex Amiatinus é tão grande quanto permitem as dimensões deste livro; a capa de todos os outros, por sua vez, é mostrada no início de cada capítulo em escala com essa reprodução maior.

Certos temas vão se esclarecer à medida que prosseguimos. O capítulo 1, sobre o Evangelho de Santo Agostinho, nos leva a uma era na qual um novo letramento cristão emergia do colapso da Roma antiga. O Codex Amiatinus, no capítulo 2, é a mais antiga Bíblia latina que sobreviveu, enviada para a Itália dos confins da Terra, como declara sua dedicatória, por aqueles que se orgulhavam de seus estudos romanos. O incomparável Livro de Kells, que constitui o capítulo 3, é um tipo muito diferente de manuscrito dos quatro Evangelhos, e nele imergimos no distante mundo celta, no qual magia e crença são inseparáveis e posteriormente têm um papel a desempenhar no sentido moderno da identidade nacional irlandesa. O capítulo 4 versa sobre copiar manuscritos e copiar culturas. A corrida apressada para o milênio e o apocalipse antecipado preocuparam o século x e preenchem o capítulo 5. Os sóbrios efeitos de longo alcance da conquista normanda de 1066 podem ser experimentados em formato gráfico e em primeira mão nos manuscritos que se examinam no capítulo 6. O século xii marca uma grande mudança na produção de livros, de monásticos para seculares, um divisor de águas na história do letramento e da arte, e é um dos

pontos de inflexão subestimados de nossa civilização. No capítulo 7 decifraremos o nome do rei que possuiu um dos mais belos livros de Salmos da época. No capítulo 8 vamos pegar um livrinho em Munique e lá encontrar as canções de amor e luxúria dos estudantes e dos doutos errantes do início do século XIII. O capítulo 9 introduz um delicado livro de horas escrito para a filha de um rei, o qual, assim como seu manuscrito, se tornou um peão da política, numa história que se estende numa linha ininterrupta de posse desde a atribulada dinastia de São Luís, na França, até Hermann Göring. O capítulo 10, sobre os *Contos da Cantuária*, traz o início de uma reconhecível literatura inglesa e da publicação de livros, com um subtexto sobre as responsabilidades e os perigos da erudição literária. O *Semideus* do capítulo 11 trata de guerra e armamentos, e da Rússia moderna. Terminamos no capítulo 12, que fala sobre luxo e dinheiro. Atravessando os capítulos, essas doze entrevistas contam uma história da cultura intelectual e da arte desde os momentos finais do Império Romano diretamente até a alta Renascença e adiante, transmitindo o conteúdo desses manuscritos de sua própria época até o mundo contemporâneo.

Todos esses livros têm certas características em comum, além da fama. São todos *manuscritos*: a palavra significa simplesmente “escritos à mão”. Isso não era uma opção. Até a invenção da imprensa, em meados do século XV, todos os livros eram necessariamente copiados por escribas. Quase todos os manuscritos medievais são decorados de algum modo, no mínimo com iniciais coloridas e não raro com ouro e figuras. A maioria deles não tem data nem páginas de título. Na Idade Média, era infrequente numerar as páginas de livros. A convenção moderna, que utilizo aqui, é contar as folhas, não as páginas, e numerar cada uma de acordo com sua frente (*recto*) ou verso (*verso*), em geral abreviando com “r” e “v”. A maior parte dos manuscritos da Europa medieval, inclusive todos aqui descritos, foram escritos sobre pele de animal (para a maioria dos fins, as palavras “pergaminho” e “velino” são intercambiáveis). Retângulos oblongos de pergaminho eram dobrados ao meio e dispostos um dentro do outro para formar grupos, comumente, mas não sempre, com oito ou dezesseis páginas, que poderiam depois ser costurados através de suas dobras centrais. Cada seção é chamada *quire*

ou *gathering* [caderno], termos até hoje usados nos livros modernos impressos e encadernados. Uma série de *quires* em sequência forma um manuscrito inteiro. Explico isso com algum detalhe por ser importante para se compreender o que é “colacionar” ou “alcear” um manuscrito, parte crucial de cada capítulo deste livro. Os paleógrafos expressam isso numa fórmula que à primeira vista parece ser tão impenetrável quanto um padrão de tricô ou uma sequência de DNA, mas que na realidade é bem precisa e simples. Imagine que cada *quire* é numerado com numerais romanos escritos em letras minúsculas, e o número de folhas em cada um é expresso em algarismos arábicos sobrescritos. Assim, usando um exemplo fácil, um manuscrito com 86 folhas formado por dez *quires*, ou cadernos, de oito folhas cada um seguidos de um com seis folhas seria expresso como: i-x⁸, xi⁶. Muitos manuscritos medievais — provavelmente a maioria deles, na verdade, de um modo ou de outro — agora não estão mais completos. Digamos que o mesmo manuscrito que tinha 86 folhas agora está reduzido a 83 com a perda de folhas isoladas em cada extremidade e uma em algum lugar no meio. O alceamento agora será expresso como i⁷ [das 8 folhas, i perdeu uma folha antes do fólio 1], * ii-v⁸, vi⁷ [das 8 folhas, vi perdeu uma folha após o fólio 41], vii-x⁸, xi⁵ [das 6 folhas, xi perdeu uma após o fólio 83].

Como se tornará aparente quando olharmos cada manuscrito, as colações, ou alceamentos, mostram-se de extrema importância. Elas às vezes revelam lacunas nos ciclos de texto ou de figuras onde ninguém jamais esperou. Para conhecer um manuscrito, precisamos ter noção do que havia lá quando ele ainda era novo. Mais importante, a colação nos leva de volta a unidades separadas das quais era feito o manuscrito em sua origem. É notável como escribas e iluminadores evidentemente dividiram o trabalho de acordo com atribuições de cadernos soltos para cada um, e como ocorriam com frequência mudanças de mão entre um caderno e o próximo. Isso ainda é visível, desde o Codex Amiatinus do final do século VII até as Horas de Spinola, oitocentos anos depois. Confesso que gosto de colacionar manuscritos. É estranhamente gratificante fazer isso caderno por caderno e é reconfortante descobrir que

* “Fólio” aqui no sentido de “folha”, composta de duas páginas. (N. T.)

o total atinge o número exato de páginas do livro. Sem dúvida a resposta tinha de ser essa. Você examina a dobra central, procurando as linhas de costura, e vai montando pouco a pouco uma série de diagramas, em forma de V, da estrutura ao longo do volume. Isso seria impossível a partir de um fac-símile ou um microfilme, e não raro provê a chave mágica para se ver onde houve separação de autorias e de unidades do texto. Às vezes penso que, se algum dia me aposentar e ficar nostálgico, eu deveria batizar o meu retiro de “*Duncollatin*” e não “*Dunedin*”.

Outra característica recorrente ao longo de todos os capítulos aqui é que, diferentemente de um livro impresso, que sai dos rolos da impressora num único processo, todo manuscrito é escrito ao longo do tempo. Pode até mesmo ter sido iniciado num certo período e depois ter sido adaptado ou completado em outras fases de atividade. Um manuscrito é um pouco como uma construção ou uma peça de um grande móvel feito à mão: por um tempo permanece inacabado, ou tem suas partes desmontadas e novamente reconfiguradas, com acréscimos ou subtrações, sendo sempre adaptadas aos caprichos e às necessidades de seus sucessivos donos. Alguns dos aparentes mistérios dos manuscritos aqui entrevistados são revelados com a súbita constatação de que houve mais do que um só momento de produção.

Se de fato empreendermos juntos essa jornada, já me bastaria conseguir transmitir a você o prazer que se pode ter ao examinar manuscritos. Espero que uma amostra dessa satisfação acabe surgindo desses encontros. É claro que, quanto a isso, sou uma das pessoas mais parciais do mundo, mas acredito que manuscritos medievais são realmente fascinantes, em muitos níveis. Quero saber tudo sobre eles. Quero saber quem os criou, e quando e por que e onde, o que eles contêm e de onde provêm seus textos, por que se achou que um determinado manuscrito era necessário, e como foram copiados e em que condições, e como estas afetaram seu formato e seu tamanho, que materiais foram usados, quanto tempo se levou para fazê-los, por que e como foram ornamentados e por quem (se foram ornamentados, e por que não, se não foram), e quanto custam, como foram reunidos, quem os usou e

de que maneira, como (ou se) foram retransmitidos depois em outras cópias, que mudanças se fizeram neles mais tarde, onde foram guardados, como foram arquivados e catalogados, como sobreviveram, às vezes contra todas as probabilidades, quem foram seus donos, como foram comprados e vendidos e por quanto (pois sempre foram valiosos), em que circunstâncias chegaram à custódia de seus proprietários atuais — e, em cada uma dessas perguntas, de onde vem a resposta. Podemos nos comprazer em bisbilhotar os afazeres de homens e mulheres de muito tempo atrás, e compartilhar os mesmos artefatos originais que foram o deleite daquelas pessoas também.

A ideia deste livro surgiu numa conversa com Caroline Dawney. Eu havia lhe pedido, como é frequente eu pedir às pessoas sem esperar que aconteça algo, que viesse conhecer a Biblioteca Parker se algum dia passasse por Cambridge. Um dia ela apareceu sem avisar, dispondo de meia hora. Ela nunca tinha examinado com minúcia um manuscrito medieval. Pegamos um volume da Bíblia Bury, um dos primeiros livros em inglês feitos por um iluminador profissional, escrito em 1130. O encantamento desse encontro de olhos arregalados, tanto para mim como para ela, sugeriu o desafio de tentar transmitir a um público mais amplo a excitação de trazer um leitor bem informado mas não especializado a um contato íntimo com grandes manuscritos medievais.

Tentei evitar o uso de termos técnicos que só historiadores especializados conhecem. Se estas fossem visitas reais à biblioteca, eu o encorajaria a me interromper se algo não ficasse claro ou fosse complicado demais. A intenção é que seja tão próximo de uma conversa quanto um livro possa ser. Por esse motivo, resisti à tentativa de espalhar notas de rodapé ao longo do texto. Eu, por exemplo, sou incapaz de ler qualquer livro cheio de notas de rodapé sem levar os dedos a múltiplas páginas, o que torna a leitura mais lenta e entedia o leigo. Para os que se interessam, e muitos não vão se interessar, há referências bibliográficas discursivas e notas em separado para cada capítulo. Estas apresentaram seus próprios problemas de composição. Tenho familiaridade com alguns desses manuscritos ou os conheço há mais de quarenta anos e não lembro com exatidão quais são as fontes de tudo que li. Pior do que isso, temo que pessoas tenham me contado coisas e sugerido ideias

que já esqueci. Tentei dar-lhes o crédito, no próprio texto e nas notas. Estou em dívida com todos os curadores que me receberam em minhas visitas com boa vontade e frequentemente com informações. Nós, que trabalhamos com paleografia, estamos conscientes da existência de toda uma rede internacional de historiadores e bibliógrafos com essa mesma mentalidade, e, quando podemos, nos ajudamos com satisfação. Nós conversamos no vestíbulo de bibliotecas e fofocamos em conferências. Pedimos conselhos por e-mail. Às vezes nos hospedamos uns na casa dos outros. Espero que fique evidente que um livro como este só se torna possível com uma vida inteira de amigos e colegas.

Para começar, há duas pessoas que quero destacar. A primeira, claro, é minha mulher, Mette, que resistiu à escrita deste livro durante vários anos e que, graciosamente, aparece como o assunto de diversas brincadeiras no texto. (Este é um truque meu: ela terá de ler o livro para achá-las.) A outra é meu velho amigo Scott Schwartz, de Nova York, que discutiu o projeto comigo em seus primórdios e me ajudou a definir seus parâmetros. Durante um período de saúde abalada, agora superado graças a Deus, ele leu o primeiro rascunho de cada capítulo à medida que era terminado, e devo muito à sua sabedoria e percepção. É a ele que dedico este livro.

Os Evangelhos de Santo Agostinho

final do século VI

Cambridge, Corpus Christi College,

MS 286

Ao final deste capítulo contarei como o papa Bento XVI e o arcebispo da Cantuária me fizeram uma reverência ao vivo, na televisão, diante do grande altar da Abadia de Westminster. Antes de chegar a esse momento tão improvável, no entanto, devemos seguir os rastros de um manuscrito que vai se entrelaçando com um milênio e meio de história inglesa, encontrando nessa jornada vários papas e outros arcebispos da Cantuária. Um desses arcebispos foi Matthew Parker (1504-75), que era o dono desse livro. Parker tinha frequentado a Universidade de Cambridge e fora ordenado padre pouco antes da Reforma na Inglaterra. Por pura sorte, talvez devido a uma conexão familiar em Norfolk, ele se tornou o capelão domiciliar de Ana Bolena, segunda mulher de Henrique VIII, e rainha da Inglaterra a partir de 1533 até sua execução por traição, em 1536. Foi pelo círculo em torno de Ana que se introduziram na corte inglesa os primeiros apelos por uma reforma luterana, e Parker evidentemente foi levado por essa estimulante excitação intelectual de renascimento religioso da época. Em 1544, por recomendação de Henrique VIII, ele foi nomeado professor do Corpus Christi College em Cambridge. Parker casou-se (um ato radical para o clero), foi destituído do cargo pela reacionária rainha Mary, 1553-8, e em 1559 foi chamado a Londres pela nova rainha, Elizabeth, filha de Ana Bolena, que o tornou o primeiro arcebis-



po da Cantuária de seu reinado, com instruções de fazer com que a Reforma inglesa fosse absoluta e irrevogável.

A Igreja Reformada da Inglaterra, como confirmada por Parker, conhecida como Estabelecimento Elisabetano, foi, ao menos no início, muito diferente do protestantismo da Europa continental. Martinho Lutero tinha retornado aos tempos apostólicos do início do cristianismo, rejeitando o papado e solapando a Igreja romana por trás, ao pôr em campo uma tradução da Bíblia que derivava de textos mais antigos e aparentemente mais autênticos do que a Vulgata latina padrão do século IV, edição de São Jerônimo. Matthew Parker, em contraste, abraçou os papas mais antigos e a tradicional linha de sucessão apostólica de São Pedro. Gregório, o Grande, papa de 590 a 604, foi um dos heróis de Parker, em especial por ter enviado a primeira missão cristã organizada à Inglaterra, em 596, composta de um grupo de monges italianos sob o comando de um tal Agostinho, prior do mosteiro de Sant'Andrea, em Roma. Santo Agostinho da Cantuária, como ele hoje é conhecido, chegou depois a Kent, no sudeste da Inglaterra, em 597, e convenceu Etelberto, rei de Kent de c. 560 a 616, a adotar o cristianismo. Os missionários da Itália estabeleceram uma catedral na Cantuária, nas proximidades, e fundaram um mosteiro fora dos muros da cidade, a princípio como uma igreja-sepulcro, originalmente dedicado aos santos Pedro e Paulo, padroeiros de Roma. O próprio Agostinho tornou-se o primeiro arcebispo da Cantuária. O mosteiro que ele criou teve depois o nome mudado para Abadia de Santo Agostinho, em sua homenagem. Sobreviveu nos arredores da Cantuária durante quase mil anos até ser suprimida por Henrique VIII em 1538, quando Parker ainda vivia.

Matthew Parker foi o septuagésimo arcebispo no que ele considerava uma linha de continuidade nunca interrompida desde Agostinho. Ele convenceu a si mesmo de que aqueles antigos missionários tiveram a intenção de estabelecer uma Igreja inglesa totalmente independente, não atrelada a Roma. Para Parker, o desenvolvimento da religião na Europa fora irrelevante após 597. Em sua interpretação, apenas a Inglaterra tinha conseguido preservar a Igreja cristã em sua pureza primeira, como fora a intenção dos santos Gregório e Agostinho. Isso, em

sua opinião, tinha sido corrompido e subvertido com a conquista normanda (1066) e a centralização da Igreja católica sob as iniciativas de Gregório VII, papa de 1073 a 1085. Todos os antiquários elisabetanos lembravam com nostalgia a era anglo-saxônica como uma idade de ouro da identidade nacional e da independência inglesa. Parker concluiu que as práticas supostamente radicais da Reforma do século XVI, inclusive o uso do vernáculo na liturgia e o papel central da monarquia na Igreja, eram na verdade tradições bem estabelecidas da Inglaterra anglo-saxã. Em 1568, ele obteve licença do Conselho Privado para apropriar-se de todo manuscrito original na Inglaterra que pudesse justificar a Reforma anglicana nesses termos, e fornecer precedentes tangíveis para a agenda elisabetana. Parker depois confiscou cerca de seiscentos manuscritos antigos, a maioria de bibliotecas de catedrais medievais recém-reestruturadas, ou de ex-mosteiros, inclusive muitos dos livros mais antigos então existentes na Inglaterra. Foi realmente o primeiro grande colecionador do período elisabetano, bem à frente de Sir Robert Cotton (1571-1631), cujos manuscritos constituem hoje o cerne da Biblioteca Britânica em Londres, e antecedeu até mesmo Sir Thomas Bodley (1545-1613), cujas aquisições suprimam a nova Biblioteca Bodleiana em Oxford, a qual visitaremos no capítulo 6. Parker requisiou cerca de trinta manuscritos antigos do mosteiro abandonado de Santo Agostinho, na Cantuária. O mais velho deles era o assim chamado Livro dos Evangelhos, do próprio Santo Agostinho, o mais antigo entre os livros sobreviventes que se sabe terem existido desde a Inglaterra medieval. Ele é o tema deste capítulo.

Em 1574, já chegando ao fim de sua vida, o arcebispo Parker tomou providências para que sua coleção fosse enviada do Palácio Lambeth, sua residência oficial em Londres, para sua antiga faculdade de Corpus Christi, em Cambridge. O registro desse legado destacava duas condições principais. Uma era a presunção de acesso público, que a faculdade ignorou totalmente, e a outra era que deveria haver uma auditoria anual na biblioteca todo mês de agosto, e que se mesmo uns poucos livros estivessem faltando, ou perdidos devido à falta de cuidado ou negligência, todo o legado seria apreendido e revertido para o Gonville and Caius College, um pouco mais acima naquela rua de Cambridge,

Retrato de Matthew Parker (1504-75), gravura por Remigius Hogenberg, 1573, que mostra o arcebispo aos setenta anos de idade, lendo uma Bíblia, enquanto na ampulheta, na janela, toda a areia já escoou.



junto com magníficas peças de prataria Tudor também doadas por Parker, que eram muito cobiçadas. Foi em grande parte por medo dessa terrível cláusula punitiva que relativamente poucas pessoas de fora tiveram permissão para ver esses livros. Durante mais de quatrocentos anos a Biblioteca Parker ficou notoriamente (até mesmo escandalosamente) inacessível a estudiosos, ou, no melhor dos casos, sua disponibilidade tinha caráter quixotesco ou inconsistente. Posso contar, com certo sentimento de orgulho às avessas, que quando eu mesmo pedi para ver um manuscrito, em meados da década de 1970, a permissão me foi negada, e essa ainda é a única biblioteca no mundo à qual me negaram acesso. Contudo, essa exclusão de leitores resultou em que cada um dos livros de Parker está em segurança em sua prateleira, muitos espantosamente bem preservados, quase nas mesmas condições em que estavam na época da Reforma. Eles ficaram com seus atuais proprietários por muito mais tempo do que ficou qualquer outro dos principais manuscritos que encontraremos neste livro.



A biblioteca de Matthew Parker, no Corpus Christi College, Cambridge, na sala do primeiro andar projetada pelo arquiteto William Wilkins (1778-1839).

No final da década de 1990, a administração do Corpus Christi College resolveu reverter esse isolacionismo e abrir e explorar seu maior ativo tangível. Levantaram dinheiro de várias fontes, sobretudo da Fundação Donnelley, em Chicago, para subvencionar um curador em tempo integral. O mesmo homem a quem o pedido de acesso fora recusado 25 anos antes candidatou-se ao cargo e foi nomeado em 2000. O fato de a Biblioteca Parker ter se tornado uma das mais acessíveis e consultadas bibliotecas de livros raros no mundo, tanto fisicamente como por meio de uma abrangente digitalização, não é nem de longe algo a ser creditado a mim, mas apenas ocorre porque os tempos mudaram e porque havia uma expectativa por essa nova atitude.

Corpus Christi é uma entre 29 faculdades independentes que formam a Universidade de Cambridge. Nela estudam regularmente cerca

de 260 alunos de graduação. As partes mais antigas do prédio datam de sua fundação, em meados do século XIV. A maioria dos leitores que têm hora marcada para estudar manuscritos na Biblioteca Parker agora entra na faculdade em várias etapas, atravessando um enorme pórtico de aparência medieval em Trumpington Street, em geral se apresentando primeiro na guarita dos porteiros, à esquerda, para que o pessoal da biblioteca seja avisado. À frente fica o que é conhecido como New Court, um grande pátio quadrangular de grama muito bem cuidada, com trechos aparados com frequência, cercado nos quatro lados por prédios de alvenaria clara em estilo gótico-regência, projetados na década de 1820 pelo arquiteto William Wilkins (1778-1839). (“New”, em inglês, é sempre um termo relativo; o New Forest* é do século XI.) Frequentemente turistas ficam em volta, sob as arcadas, fotografando a si mesmos e olhando para dentro, curiosos, para vislumbrar estudantes de pós-graduação e funcionários da faculdade que vivem e trabalham em quartos laterais, no andar de cima. Bem em frente fica a entrada da capela, ladeada por nichos com estátuas de Nicholas Bacon, o benfeitor, segurando uma bolsa com dinheiro, e de Matthew Parker, com um livro em cada mão. A tesouraria fica à esquerda da capela, do lado de Bacon, e a residência do diretor, à direita. O refeitório da faculdade fica atrás de janelas altas com uma ponta em forma de ogiva, ao longo do lado norte do pátio. A Biblioteca Parker ocupa quase todo o andar superior no lado direito (sul) da fachada. Toque a campainha no alto portão gótico no canto mais afastado do New Court e será admitido num vestíbulo escuro de onde você poderá seguir por uma escadaria de pedra que se ergue bem à sua frente, ou por uma entrada logo à direita. Membros do público em geral seguem em grupos organizados para a magnífica biblioteca no alto da escada, com seu teto alto, paredes formadas por livros elisabetanos e de impressão posterior, e com vitrines iluminadas ao longo da sala, exibindo alguns dos mais belos manuscritos da biblioteca. Os que vieram estudar livros raros serão levados, em vez disso, ao gabinete de leitura protegido, no andar térreo.

* Parque nacional no sul da Inglaterra. (N. T.)